

| | |
|------------|-----------------|
| TIPO DE | |
| VEICULO: | Poesias |
| VEÍCULO: | Visual de Monte |
| COLUNISTA: | |
| PÁG. | |
| DATA: | 01/01/1977 |

VISÃO DE MORTE

I.

Visão de morte que me invade de repente,
 e não é rosa, nem azul, nem cor de morte.
 A Morte apenas, tão sutil e transparente
 como uma nuvem vendejada pela sorte.

Esta visão, transcendental e aparente
 que nada soma, nada tira, e nada inventa;
 esta visão que nos encontra na velhice,
 mas que já estava enraizada na placenta.

Esta visão que todos tem, e poucos querem,
 que se reveste de pavores escondidos,
 mas que a todos nós atinge algum dia;

esta visão que tive agora, nesta noite
 e de maneira alguma me deixou ferido;
 pelo contrário, transformei-a em poesia

II.

Visão de morte, tão sutil e submissa...
imaginava que a visão fosse mais dura.
E ao contrário, foi tão leve, tão tranquila,
que a luz da noite se tornou menos escura.

E no entanto continuam meus pavores
de que virá, por ser castigo, e ser eterno;
a Voz que grita, entre sinos e tambores
"Aos justos, céu! Ao pecador, Inferno!"

O som torcido do chicote flagelando,
o fogo aceso, o gritar de almas penando,
o ferro em brasa, a total desesperança,

as penas rudes que nem Dante imaginava.
E a voz tão doce que os tormentos desafiava,
da babá triste que eu tive em criança.

Londres, 20/9/77